

EUR 1002 – ABORDAGENS SOBRE CIDADES E DINÂMICA URBANA

2017.2 – 4 créditos / 60 horas – QUARTAS, 14:00-17:30

MÁRCIO MORAES VALENÇA

EMENTA:

Principais abordagens teóricas sobre a cidade. A Escola de Chicago, a teoria dos lugares centrais, as abordagens marxistas. A tentativa de construção de uma “teoria urbana geral”. O Direito à Cidade. Cidade e cidadania. Cidade e mercado. A agenda urbana contemporânea. A produção do espaço. O espaço construído. Os agentes produtores do espaço. A propriedade privada e a renda da terra. Dinâmica imobiliária e mercado. Os agentes do mercado imobiliário. Os promotores imobiliários. O Estado e a promoção da cidade. O marketing urbano. As políticas públicas urbanas. A legislação urbanística. A função social da cidade. A infraestrutura e os serviços urbanos. A segregação espacial na cidade desigual. Violência urbana e arquitetura defensiva. Os grandes projetos urbanos. O urbanismo espetáculo. Cidade contemporânea, cultura e globalização. A crise urbana e o papel da criatividade. Serendipidade, criatividade e espaços públicos. Cidades criativas e culturais. Planejamento cultural da cidade.

OBJETIVOS:

A disciplina visa discutir os conceitos e temas elencados na ementa em referência ao trabalho dos principais teóricos do campo dos estudos sobre as cidades e o urbano, no contexto internacional. As aulas não necessariamente seguem estrito ordenamento histórico do desenvolvimento urbano, podendo ir e vir no tempo.

AULA 1 – LEWIS MUMFORD

Daremos início ao curso, discutindo, primeiro, a cidade romana que inaugurou, com uma certa disposição de infraestruturas, de edifícios públicos e de serviços, um modelo expandido de cidades em muito parecido com o que temos hoje; depois, discutindo o que veio imediatamente antes da cidade capitalista, a cidade medieval. Para ambas as discussões, utilizaremos o seminal trabalho do historiador Lewis Mumford, publicado em 1961. Complementarmente, analisaremos um capítulo de seu primeiro livro “História das utopias”, importante para compreender como, a partir de meados do século XIX, a cidade passa a se reconfigurar como cidade moderna.

Mumford, Lewis. *A cidade na história. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965 [1961]. (Capítulo VIII: De megalópolis a necrópolis, p.209-317; Capítulo X: Vida doméstica urbana medieval, p.365-408).

Mumford, Lewis. *The story of utopias*. New York: Boni and Liveright Publishers, 1922. (Chapter Six: How something happened in the eighteenth century which made men “furiously to think”, and how a whole group of utopias sprang out of the upturned soil of industrialism, p.111-129).

AULA 2 – FRIEDRICH ENGELS

Em seu livro mais conhecido, Engels disserta sobre as precárias condições de vida do proletariado, nas grandes cidades Inglesas, em meados do século XIX. Engels oferece rico relato sobre a moradia proletária, recorrendo a inúmeras fontes de dados, como relatos governamentais, relatos policiais, atas de tribunais, artigos da imprensa e pesquisa de campo, além de literatura especializada a época. Em seu relato, Engels percorre as principais cidades britânicas, o berço do capitalismo industrial,

onde a riqueza mundial se concentrava na época: Londres, Liverpool, Sheffield, Birmingham, Manchester, Leeds, entre outras.

Engels, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010. [1845] (As grandes cidades, p.67-116)

AULA 3 – PETER HALL

Peter Hall foi um dos mais influentes geógrafos do século XX-XXI, tanto academicamente, como tecnicamente na assessoria ao governo britânico de grandes projetos urbanos. Entre inúmeras de suas obras, destaca-se, com tradução para o português, o livro “Cidades do amanhã”. A discussão que faz no último capítulo sobre as condições ambientais degradadas em que vivem as classes menos privilegiadas no contexto de várias cidades do mundo (Chicago, St. Louis, Londres), no final do século XX, tem muito em comum com o que diz Engels sobre as cidades inglesas, de e há um século e meio antes. Hall toma como base para a discussão os princípios sobre a estrutura social das grandes cidades da conhecida Escola de Chicago. Conceitos como marginalidade, segregação e gueto são utilizados para explicar os conflitos e divisões sociais entre uma população branca originária, negros e os novos imigrantes nas cidades.

No mesmo livro, no Capítulo 7, Hall discute o impacto que teve o pensamento do arquiteto e urbanista suíço-francês, Le Corbusier, no urbanismo internacional, ao longo do século XX. Aqui, iremos aproveitar a oportunidade para tratar do esforço de reconstrução das cidades europeias e da renovação urbana (suburbanização) americana no período após a segunda guerra.

Hall, Peter. *Cities of tomorrow: in intellectual history of urban planning and design in the twentieth century*. Oxford: Blackwell, 1988. (Chapter 12: The city of permanent underclass. The enduring slum: Chicago, St. Louis, London, 1920-1987, p.361-400; Chapter 7: The city of towers. The Corbusian Radiant City: Paris, Chandigarh, Brasília, London, St. Louis, 1920-1970, p.204-240).

AULA 4 – WALTER BENJAMIM

Benjamin não é menos conhecido do que Baudelaire, que ele considerava o poeta que melhor representava o modernismo. Paris era, na época em que o poeta a acolheu em seus versos, o centro cultural global, abrigando artistas e intelectuais de várias matrizes. Era também uma cidade em acelerada transformação, trazida por revoluções políticas, econômicas, tecnológicas e urbanísticas. Tais transformações correspondem à generalização na vida urbana e cotidiano do que Benjamin entende por modernismo. O poeta *flâneur* era o poeta solitário na multidão. Projetou o seu olhar acerca da cidade em meio a todos os que o cercavam, incógnito. Com isso, a sua leitura não poderia ter sido mais isenta e, mesmo assim, intensa e pessoal. Era um observador atencioso aos detalhes. A Paris de Baudelaire é a Paris que se projeta para o futuro, com iluminação de rua, transportes públicos, calçadas (ainda estreitas), transeuntes, bulevares, cafés e profundas mudanças sociais.

Benjamin, Walter. *Obras escolhidas*. Volume III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1930s-1940s]. (parte I: O flâneur, p.33-65; A modernidade, p.67-101; Sobre alguns temas em Baudelaire, p.103-149).

Benjamin, Walter. *Obras escolhidas*. Volume I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. [3ª Edição.]. (A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica [1936], p.165-196).

AULA 5 – HENRI LEFEBVRE

Lefebvre tem uma extensa produção científica, tendo abordado temas filosóficos e sociológicos os mais diversos. O rural, o urbano, o cotidiano, a alienação e a política predominam em sua produção. Foi um polêmico e criativo acadêmico, tendo sido influenciado por eventos de seu tempo, como revoluções, guerras e convulsões sociais. Lefebvre, já na década de 1960, formula a tese da urbanização total da sociedade. A cidade é ao mesmo tempo o locus da alienação e de sua própria libertação. O cotidiano é determinante dos papéis sociais de pessoas e de objetos. Ele foi um crítico ferrenho do tipo de desenvolvimento urbano planejado pelo Estado no pós segunda guerra. Para ele, tratava-se de um urbanismo desumanizado, de tecnocratas a serviço de interesses alheios ao da população de usuários. Em “O direito à cidade”, ele enfatiza o papel que deve ter a participação permanente das pessoas na determinação dos projetos a serem implementados na cidade. O direito à cidade é isso: o direito de decidir sobre os destinos da cidade num mundo crescentemente urbano.

Lefebvre, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. [1970]. (Capítulo 1: Da cidade à sociedade urbana, p.15-32).

Lefebvre, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1971. [1970]. (Capítulo V: Introducción a la psicossociologia de la vida cotidiana, p.85-102; Capítulo XV: El urbanismo de hoy. Mitos y realidades, p.205-214.)

Lefebvre, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991. [1968]. (O direito à cidade, p.103-117).

AULA 6 – JANE JACOBS

Jacobs tornou-se um ícone do enfrentamento ao crescimento a todo custo do mercado imobiliário nas grandes cidades americanas, em particular, Nova York. Opôs-se enfaticamente aos projetos de Robert Moses, em particular ao projeto que transformaria a área da Washington Square, em Greenwich Village, onde Jacobs residia. Seu livro mais famoso discute o desastre urbanístico e ecológico do desenvolvimento urbano modernista, com suas vias rápidas para transporte de automóveis, grandes edifícios residenciais e destruição funcional e simbólica do espaço público das ruas. A autora se coloca contra este tipo de desenvolvimento e a favor de um desenvolvimento que traga as pessoas de volta para as ruas, para as esquinas, onde os serviços do cotidiano estejam presentes no andar térreo, fomentando o convívio pacífico, não necessariamente entre conhecidos, mas entre reconhecidos, ou seja, pessoas que vivem no ou frequentam o bairro.

Jacobs, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. [1961]. (Introdução, p.1-26; Capítulo 7: Os geradores de diversidade, p.157-166; Capítulo 11: A necessidade de concentração, p.221-244).

AULA 7 – KEVIN LYNCH

Este texto seminal de Lynch é leitura obrigatória para quem estuda os aspectos da percepção nas cidades contemporâneas. O que o autor faz é ressaltar os aspectos principais que moldam a compreensão que temos e como nos encontramos e guiamos nas cidades, mesmo as mais complexas. Lynch preocupa-se, em particular, com a “legibilidade” da cidade para quem nela vive e se movimenta. Uma cidade agradável e boa de viver é uma cidade com clara legibilidade. Há vários elementos imagéticos que facilitam tal legibilidade, como as vias (ou caminhos), os limites, os pontos nodais, os bairros (ou distritos) e os marcos (monumentos ou pontos de referência). São símbolos reconhecíveis e identificáveis que atuam como dicas sensoriais de reconhecimento do ambiente, formando mapas mentais. Lynch está preocupado com a imagem do espaço ou meio ambiente

construído na cidade. Cada elemento tem uma identidade (individualidade), uma estrutura (posicionamento relacional com o observador ou outro objeto) e um significado (que pode ser prático ou emocional). Isto dá uma certa previsibilidade e estabilidade à percepção que as pessoas têm sobre a cidade. A leitura que se faz da cidade provém, assim, do que Lynch chama de imageabilidade (legibilidade, visibilidade ou aparência).

Lynch, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. [1960]. (Capítulos: I - ; III -).

AULA 8 – HARVEY MOLOTCH

AULA 9 – NEIL SMITH

AULA 10 – DAVID HARVEY

AULA 11 – MANUEL CASTELLS

AULA 12 – ED SOJA

AULA 13 – SASKIA SASSEN

AULA 14 – MIKE DAVIS

AULA 15 – SHARON ZUKIN

AULA 16 – SEMINÁRIO FINAL: LEITURAS DIVERSAS

A avaliação da disciplina consta das leituras realizadas durante as 15 sessões anteriores (50% da nota) e da apresentação oral com auxílio de um powerpoint de 10 a 20 slides, em 15-20 minutos, sobre um dos autores lidos durante o curso e mais um escolhido entre os elencados abaixo. A apresentação tem de ser estruturada a partir de um RESUMO EXTENDIDO, de 1000 a 1200 palavras, que deverá ser entregue no mesmo dia da apresentação. O trabalho pode ser realizado individualmente ou em duplas. No caso de ser realizado em dupla, o RESUMO deve ter entre 1500 e 1800 palavras.

DIANE GHIRARDO

FRANÇOISE CHOAY

FREDRIC JAMESON

HANNAH ARENDT

JEAN LOJIKINE

JORDI BORJA

MARK GOTTDIENNER

MARSHALL BERMAN

MICHEL DE CERTEAU

MILTON SANTOS

PETER AMBROSE

RAYMOND WILLIAMS

RICHARD SENNETT

WITOLD RYBCZYNSKI

ZYGMUNT BAUMAN